

Os Senhores me dão licença

Diogo Leite



Os senhores me dão
licença

Vou contar minha paixão

• • •

- Catira cantada em
algumas casas durante
a Folia de Reis

Esse povo veio para celebrar,
para festejar, para encon-
trar com os amigos.

Mas junto dessa festa nós
celebramos o homem do cam-
po, o homem que trabalha a
terra.

O trabalhador rural.

- Homilia do padre na mis-
sa sertaneja da festa de
Santos Reis.

Paracatu, 2023

À Mariles, que me apresentou
a Folia e todas as coisas mais
lindas do mundo.

Te amo.

Prefácio

Esse livro se passa em Paracatu, uma cidade de 94 mil habitantes no noroeste de Minas Gerais. Nascida no auge do ciclo do ouro, a cidade tem hoje uma população 76% negra e 70% católica (segundo o IBGE). A extração continua (agora é a canadense Kinross que minera a cidade).

Mais especificamente, esse livro se passa nas comunidades da Barra e do Nolasco, a cerca de 30 quilômetros da sede do município. Lá, pequenas propriedades familiares dividem espaço com uma enorme fazenda de energia solar, um assentamento do MST e um latifúndio

transformado em reserva natural por um herdeiro ativista.

A história fotografada nesse livro começa com um namoro, que me levou a uma grande família que vive junta há quase um século na fazenda Dobeira, onde eu vi a Folia de Reis pela primeira vez.

Paracatu tem 12 ternos (grupos) de Folia de Reis catalogados pelo Instituto do Patrimônio Histórico de Minas Gerais. Alguns poucos circulam na cidade. A maioria está em comunidades rurais como a Barra e o Nolasco, onde estão os dois ternos que eu primeiro conheci.

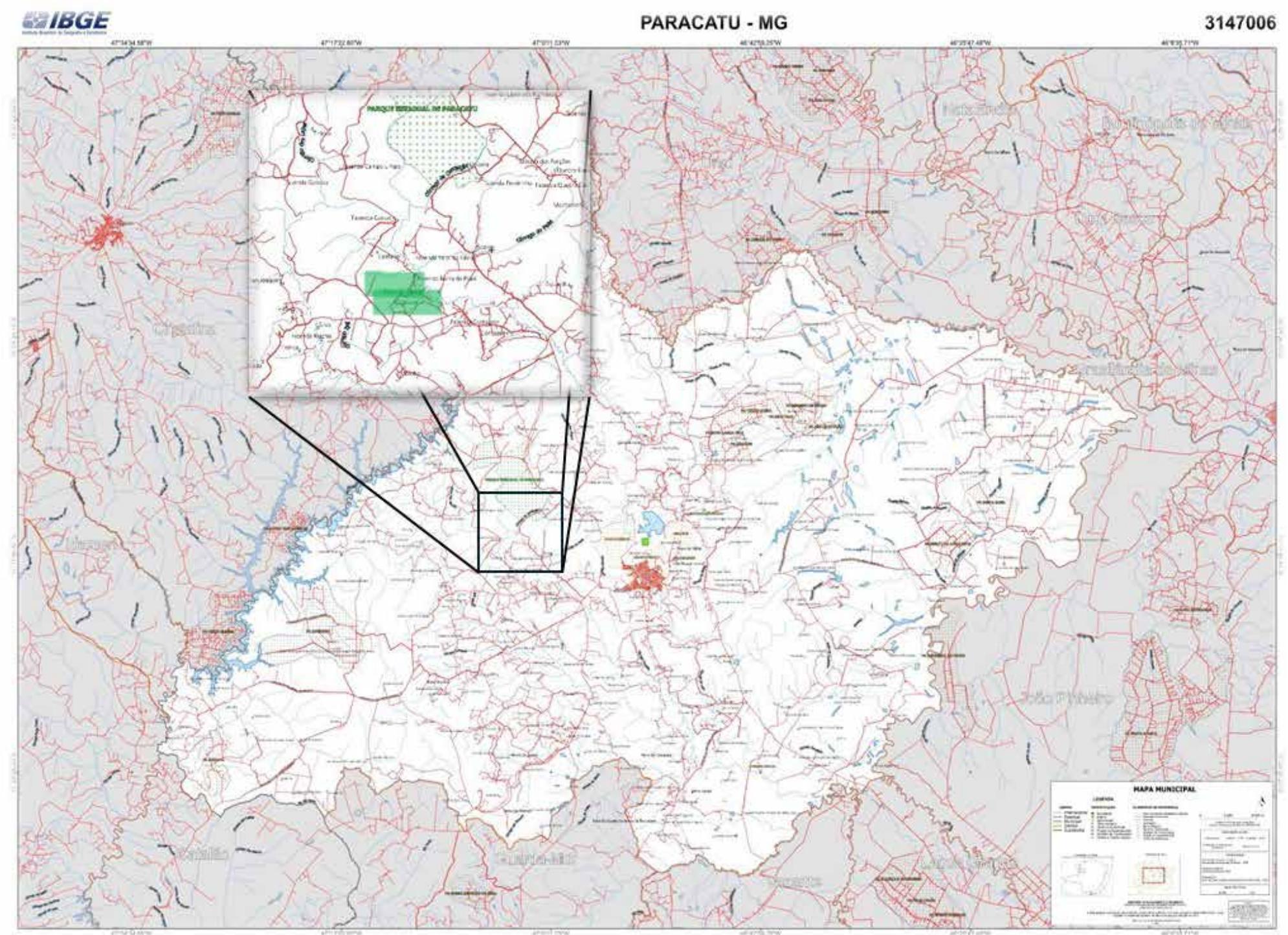
Desde o primeiro dia, me senti impelido a fotografar aquela coisa que, para mim, criado na cida-

de e longe de festas católicas, era inédita e “folclórica” demais.

As fotos que estão aqui são fruto de um espanto e uma estranheza mútuos entre eu e as pessoas a quem pedi licença para fotografar.

Ao mesmo tempo, são uma tentativa de captar a Folia de Reis como uma coisa viva, e não como o “folclore em extinção” que habitava o meu imaginário antes de conhecer a Barra e o Nolasco.

As palavras que estão aqui, por fim, são fruto da licença concedida a mim pelos senhores (e senhoras) entrevistados, conseguida pelo intermédio de Elizabete e Bruninha, a quem agradeço por tornarem esse trabalho



Fonte: IBGE.



A Folia de Reis foi trazida pelos portugueses. Hoje, está espalhada por quase todo o Brasil. Há lugares onde a festa tem personagens, palhaços e máscaras. Há lugares onde se tornou Bumba Meu Boi. Em quase todos, ela celebra os Santos Reis Magos, ocorre em torno do dia deles, 6 de janeiro, e envolve peregrinações pelas casas de uma região.



Na Barra e no No-lasco, zona ru-ral de Paracatu, Minas Gerais, tem quem se lembre dos ternos de Folia já nos anos 1940. Por lá, nada de palha-ços, máscaras ou bois de pano. A Folia é uma peregrinação da bandeira dos Santos Reis, que circula, em dez dias, por cerca de 80 casas, abençoando os fiéis em cada uma.





A cada noite,
uma casa
abriga os peregrinos.
São os pousos. Neles, há
sempre uma grande festa. A
região toda se reúne, tem sem-
pre muita comida e muita, muita
bebida. Tudo doado pelos fiéis.



No dia 6, uma grande festa reúne os dois ternos (o da Barra e o do Nolasco). A cada ano, um grupo assume a organização (e os custos) do evento,





que sempre tem presença do prefeito, missa sertaneja e uma sequência de artistas de forró munidos de teclados e ritmos pré-gravados que levam a festa até alta madrugada.

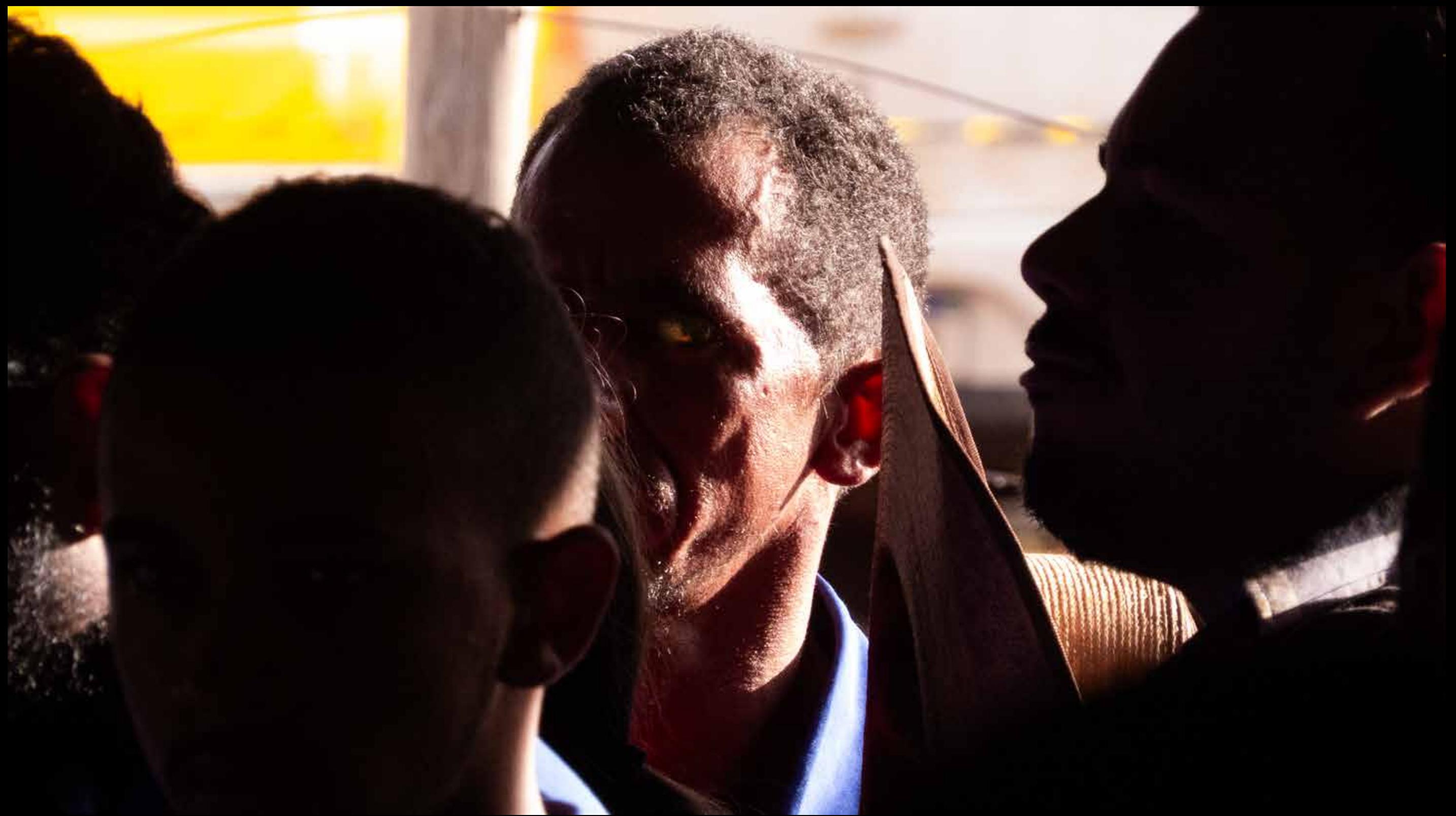


A seguir, estão retratos de quem faz essa festa.

Foliões de toalha (os “oficiais”), companheiros de Folia, famílias, fiéis... gente para quem essa tradição, que chamamos “folclórica”, é o cotidiano.

Junto disso, está o que alguns me contaram quando pedi licença para perguntar sobre quem são, e sobre o que é a Folia de Reis.







Junio



“

Ajudo na folia , tocando alguns instrumentos, mas não sou folião, quem sabe um dia... Já fui alferes [aquele que leva a bandeira], já dei pouso, ajudo nos pousos dos vizinhos, ajudo na festa e no ensaio...

Fora da Folia trabalho com transporte escolar, gosto de andar a cavalo e beber uma cerveja no fim de semana 😊

Entrei na Folia quando minha mãe pegou o ensaio para ser lá em casa. É minha primeira lembrança da festa, de 1999. Hoje eu participo porque virou tradição na minha família.

Para mim é um momento de fé e confraternização.

“





“

Quando eu peguei o ensaio, em 2020, eu me preparei e fui atrás, perguntei sobre tudo da Folia, e foi a melhor experiência religiosa que eu poderia viver nessa vida. Existe algo espiritual muito lindo e forte por trás daquela bandeira, que quando a gente pega ela para girar não quer soltar nunca mais. Até hoje eu colho frutos dessa caminhada.

Hoje sou devolta a Santos Reis junto com meu esposo. Meus filhos, apesar de pequenos, nós já estamos ensinando eles a terem fé e devoção também.

Para nós época de Folia é a melhor época do ano. Os 10 dias nossa vida fica só em função da Folia. Hoje, como meu filho já tem dois anos que participa, eu vou atrás acompanhando de carro. É um momento de renovar e fortalecer a minha fé.

“

- Talita, professora de Ciências na escola da região, esposa de Junio













Bruninha

“A Folia é companheirismo e fé.

Lembro da festa desde quando eu era pequena. É uma tradição antiga vindoa da época dos meus bisavós. A Folia sempre passa na casa da minha vó e do meu vó, e desde pequena venho seguindo essa tradição. Isso é passado de pais para filhos.

Meu papel na Folia por enquanto tá sendo de companheira, mas pretendo seguir tudo certinho para um ano ser foliona e ganhar a toalha. Eu canto e toco alguns instrumentos, também lavo roupas dos foliões, passo as toalhas quando chega o dia da chegada, sempre estou disponível para ajudar no que precisar na folia.

Quando chega a época da folia é uma ansiedade pra chegar o dia logo... Começo a arrumar as coisas duas semanas antes. Ái quando chega o dia é aquela emoção de estar ali fazendo o que você mais gosta, de seguir aquela tradição de muito tempo atrás, da fé em Santos Reis. Quando tá chegando o dia já começo a ouvir o som da caixa batendo.

Eu quero levar essa tradição para os meus filhos, ensinar a eles desde pequenos o que é a Folia de Santos Reis. Eu quero que muitas pessoas saibam o que é Folia e sigam essa tradição para que a Folia nunca acabe.

“





“Na Folia somos 4 mulheres. Todas companheiras, nenhuma foliona. No total tem 18 foliões de toalha, mais os companheiros que ajudam no canto, a arriar os cavalos, a colocar as capas de chuva para não molhar as traias. Mas estão chegando mais mulheres para girar a Folia cada ano que passa.

Ser mulher na Folia é um desafio. Muitas pessoas falam que Folia não é lugar de mulher. Na Folia você tem que ter fé. No primeiro ano que girei eu pensei que não ia conseguir os 10 dias debaixo de sol e chuva, mais eu fui e girei com muita fé e agora eu vou todo ano. A gente passa por problemas, mas eu entrego tudo a Santos Reis para que dê tudo certo durante o nosso giro.









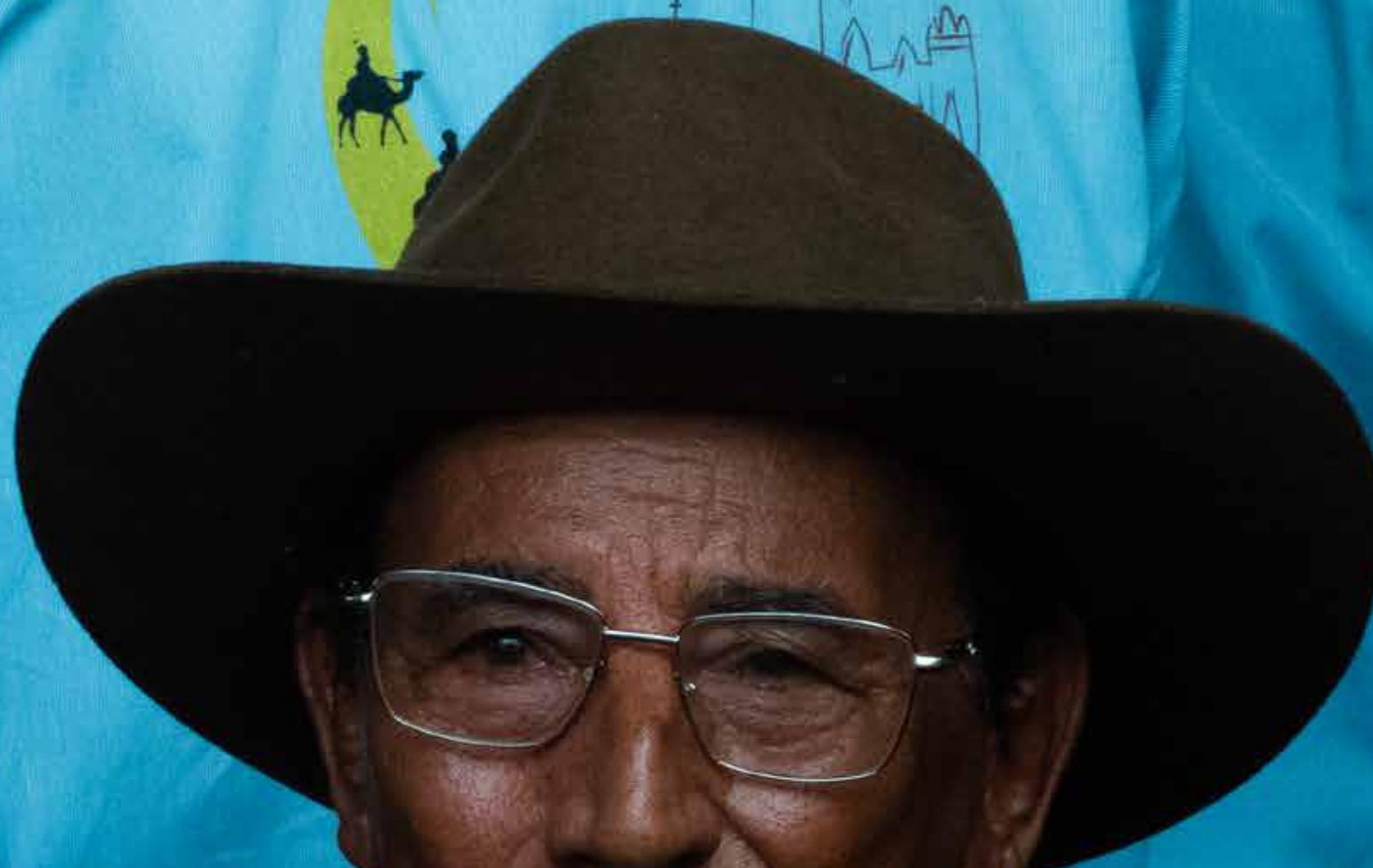








Folia de
Santos Reis





Tutinha



“

Quando a Folia passava lá em casa, era bom, era chique. Meu pai era cozinheiro da Folia, isso em 1940... 1944.

Eu adoro a cultura da gente aqui, eu gosto de roça. É galinha, vaca, porco, tirar leite. É isso que eu faço a vida toda.

Folia pra mim é alegria. A gente fica todo mundo esperando os Santos Reis, fica doido pra chegar o ensaio, os pousos todos! A gente vai em toda casa, dança nos pousos. Nossa, os Santos Reis pra mim são muito bem vindos!

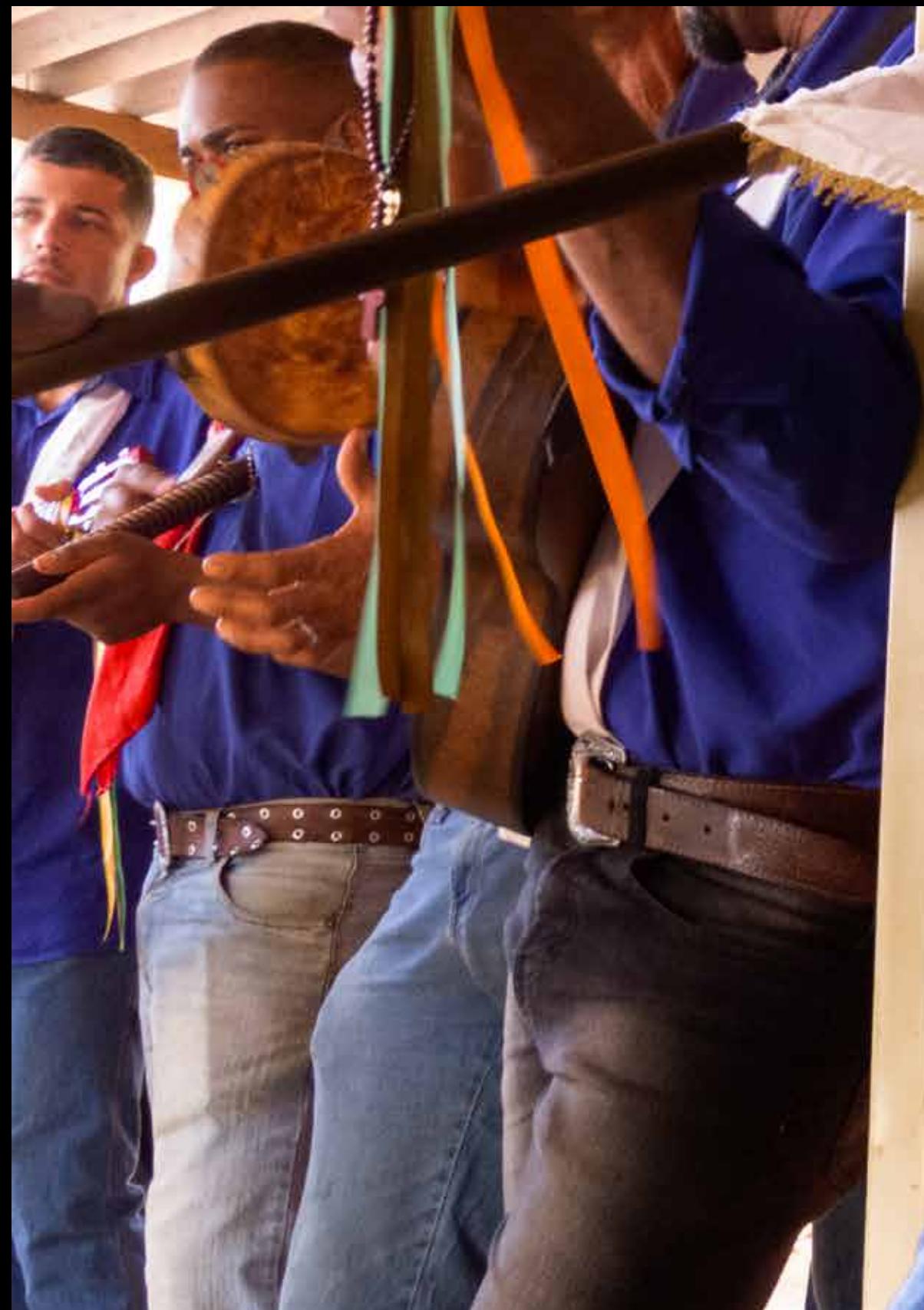
“





Elizabete





“
A Folia de Reis para mim é uma fé muito grande, muito viva.

É uma tradição que vem desde a minha bisavó, e não acaba.

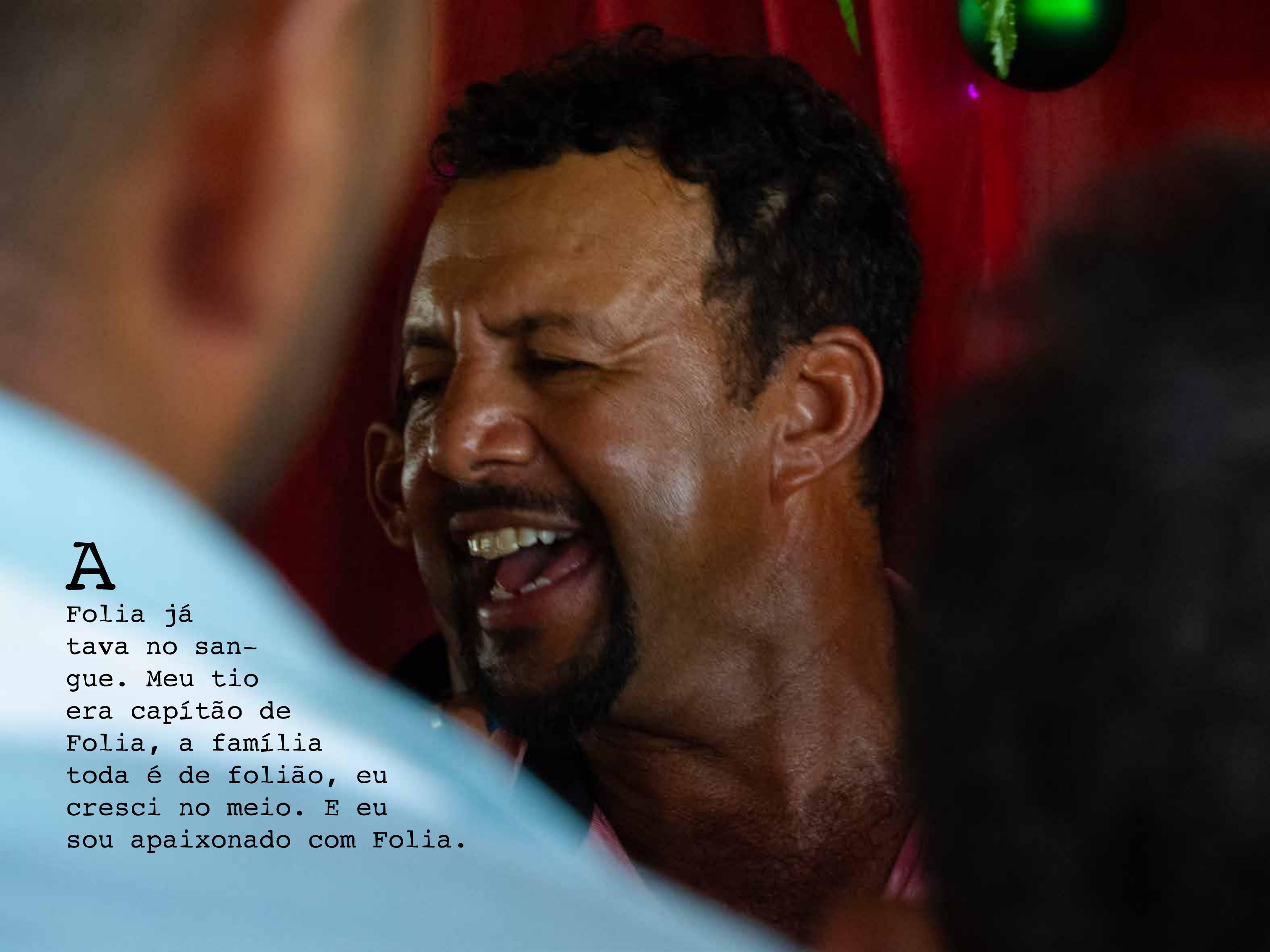
Eu pedi aos Santos Reis intercessão para seguir construir minha casa. Recebi a graça, e agora recebo a Folia nessa minha casa aqui. Estou ansiosa para o ano que vem. Vou fazer um pouso e vão dormir aqui.

“
O que eu acho mais interessante é que cada casa tem um canto diferente, especial, que fala sobre a vida da família que mora ali.





Elcimar



A

Folia já
tava no san-
gue. Meu tio
era capitão de
Folia, a família
toda é de folião, eu
cresci no meio. E eu
sou apaixonado com Folia.



“

Eu sou capitão da Folia. Uns falam capitão, outros falam guia. Mas eu não tomo decisão sozinho. A Folia é uma equipe, a gente faz reunião para decidir o trajeto, os pousos...

Fora da folia eu sou um cidadão comum. Trabalho, sou pai de família. Meu passatempo é como teceladista e sanfoneiro, eu toco em festa, gosto de fazer festa para animar o pessoal. Fora da Folia, sou isso aí.

A Folia não depende só dos foliões. Depende da comunidade, de quem tem fé em Santos Reis e dá pouso, dá ajuda para os foliões. Folia sem o apoio da comunidade não tem como acontecer.

Muita gente pensa que Folia é só montar a cavalo e sair andando por pouso, pelas festas. Para alguns até é, mas para a gente que é devoto e gosta da folia, que faz promessa e recebe a graça, é uma grande devoção.

Enquanto eu aguentar girar eu vou lutar, vou continuar girando, vou passar o que eu aprendi para os companheiros, porque não pode deixar isso morrer. É uma tradição folclórica que muita gente gosta. A festa final rende muita gente, 2 a 4 mil pessoas. É uma tradição muito, muito bonita.

“































**Paracatu,
2023 e 2024**





“

É uma ansieda-
de que a gente
carrega o ano todo. A
Folia de Reis é algo
que nos completa.

A época da folia
é tudo de bom,
realmente traz muitas
alegrias aos nossos
corações.

Enfim, é uma coisa
que não pode fal-
tar na nossa vida.

“

– João, capitão da
Folia do Nolasco



Os senhores me dão licença
Memorial descritivo

Diogo Mendonça Leite

Diogo Mendonça Leite

OS SENHORES ME DÃO LICENÇA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Jornalismo e Editoração da Escola de
Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo, como
requisito para obtenção do título de
bacharelado em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Renato Levi Pahim

São Paulo
2025

Agradecimentos

Agradeço aos ternos de Folia de Reis da Barra e do Nolasco, que são este trabalho, em especial a Bárbara Bruna e Elizabete Oliveira, minhas pontes com toda a comunidade, e à Mariles Oliveira Nascimento, que me apresentou à Folia de Reis e às melhores coisas da vida. Te amo.

Agradeço também ao meu orientador, Prof. Dr. Renato Levi Pahim, pelas sugestões e ensinamentos antes e depois deste trabalho, e ao Prof. Dr. Wagner Souza e Silva, que acompanhou esse trabalho em todas as suas formas e cujos ensinamentos sobre fotografia permeiam cada *frame* exposto aqui.

Resumo

O projeto é um fotolivro sobre a Folia de Reis na zona rural de Paracatu, Minas Gerais. A ideia é apresentar, com a ajuda da fotografia documental e do texto jornalístico, quem são as pessoas que mantêm a festa viva hoje em dia, retratando-a enquanto um movimento vivo e feito de pessoas, em detrimento da visão folclórica que destaca as práticas ritualísticas da festa. Nesse sentido, o trabalho buscou praticar uma fotografia pautada no ideal de fotógrafo presente, além de utilizar o trabalho jornalístico de cunho documental como meio de garantir a subsistência dos ternos de Folia de Reis no espaço midiático.

Palavras-chave: Folia de Reis, fotografia, folclore, retrato.

Abstract

The project is a photobook about the Folia de Reis in rural Paracatu, Minas Gerais. The idea is to present, with the help of documentary photography and journalistic text, who the people are who keep the festival alive today, portraying it as a living movement made up of people, to the detriment of the folkloric vision that highlights the ritualistic practices of the festival. In this sense, the work sought to practice photography based on the ideal of the present photographer, as well as using documentary journalism as a means of guaranteeing the livelihood of the Folia de Reis groups in the media.

Keywords: Folia de Reis, photography, folklore, portrait.

Sumário

1.	Introdução	6
2.	Processo	7
2.1.	Produção das fotografias	7
2.2.	Seleção das imagens	8
2.3.	Pós-produção	9
2.4.	Entrevistas e redação	9
2.5.	Diagramação	11
3.	Considerações finais	13
4.	Referências bibliográficas	14

Lista de Figuras

Imagen 1.	Memorabilia da zona rural. Foto: Diogo Leite	11
-----------	--	----

1. Introdução

Prática centenária, herança europeia unida a outras influências culturais, a Folia de Reis ocorre em diversos lugares do Brasil em torno do dia 6 de janeiro, dia dos três reis magos, e está ligada justamente à devoção popular para com os Santos Reis (Neder, 2013). Assumindo diferentes formas, que podem ou não incluir personagens e representações, em geral a Folia envolve uma peregrinação, conduzida pelos chamados “foliões”, que levam uma bandeira estampada com a figura do Divino Espírito Santo a diversas casas da região (urbana ou rural). Algumas os abrigam durante a noite – são os chamados pousos – e em outras os foliões apenas cantam e rezam, abençoando os donos da casa. Ao final, há uma grande festa, em geral feita no próprio dia 6 (Gonçalves, 2012).

Mais do que uma prática ritualística, cultural e religiosa, a Folia de Reis é também um evento social importante nas comunidades onde ocorre (Souza e Araújo, 2020). Esse é o caso das comunidades por onde passam os ternos da Barra e do Nolasco. Situadas na zona rural de Paracatu, uma cidade nascida no ciclo do ouro, que hoje tem uma relevante população negra (em 2022, segundo o Censo, 76% da população), 70% de católicos (conforme o Censo de 2010), 13% dos domicílios na zona rural e uma dependência persistente da mineração, que mantém a população crescente e o segundo maior PIB per capita da microrregião, as comunidades estão separadas da área urbana por cerca de 30 quilômetros de estrada de terra (em Paracatu, apenas 28% das vias públicas estão urbanizadas; IBGE, 2025). A região tem a festa de encerramento da Folia, que reúne os dois ternos, como seu maior evento. É frequente a presença do prefeito e de autoridades na festa, que mobiliza toda a comunidade por meses, desde a organização, realizada por voluntários, até sua realização, que reúne centenas de pessoas em salões comunitários da região. Os foliões, os donos das casas e os organizadores se conhecem, e a participação na Folia se transmite entre gerações, e serve para mediar as relações entre esses foliões e a comunidade, uma vez que muitos se tornam conhecidos pelas posições que assumem nos ternos.

Os atuais foliões não sabem precisar há quanto tempo existem os ternos de Folia de Reis da Contagem e do Nolasco, na zona rural de Paracatu (MG), mas é possível encontrar vestígios de sua existência de pelo menos 50 anos atrás. Os registros formais sobre eles, porém, são poucos. Ambos constam no conjunto de patrimônios culturais mineiros (IEPHA/MG, 2020), que registrou, a partir de um depoimento oral, seus roteiros e as tradições de cada um. Nas redes sociais, também existem vídeos de mídias locais que

mostram as duas Folias, mas de forma dispersa e descontextualizada (vide, por exemplo, Visite Paracatu, 2017).

Este TCC é a culminância de um trabalho de três anos junto a esses dois ternos de Folia, que conheci em 2020 por intermédio da minha namorada, que é da região. O trabalho já resultou em um ensaio fotográfico (Leite, 2024), vencedor do prêmio Expocom Sudeste de Fotojornalismo em 2024, e em um documentário curta-metragem (Os Senhores, 2023), selecionado no edital Energia da Cultura, do Governo de Minas.

O resultado deste Trabalho de Conclusão de Curso é, desta vez, um fotolivro com os registros desses ternos de Folia de Reis do Nolasco e da Barra, enfocando especialmente os retratos dos foliões. A partir dessa visão mais próxima, adotando técnicas da fotografia documental e unindo as imagens a perfis em texto, o projeto visa registrar a festa enquanto evento social, a partir das pessoas que a constituem, e não apenas dos rituais que a caracterizam. A produção pauta-se por uma filosofia de fotógrafo presente (em que o autor das fotos não dissimula seu papel subjetivo na produção da imagem) e pelo ideal de utilizar a prática jornalística de cunho documental para assegurar a subsistência das manifestações tradicionais no espaço midiático.

2. O processo

2.1. Produção das fotografias

A captação das imagens ocorreu antes do início da produção deste TCC. As fotografias que compõem o fotolivro datam das Folias de Reis de 2023 e 2024, e foram produzidas como parte de um projeto pessoal, iniciado ainda em 2023, de fotografar a zona rural de Paracatu (MG).

Cabe dizer que não sou da região. Nasci e cresci em Patos de Minas (MG), a cerca de 200 km do local. Só conheci Paracatu e as comunidades rurais da Barra e do Nolasco por intermédio da minha namorada, cuja família materna é do local. Isso foi determinante para o meu interesse por fotografar a região e suas tradições (bastante inéditas para mim, que cresci na zona urbana), mas também para a abordagem que adotei na captação dessas fotografias.

Produzidas com uma Canon Powershot SX50, câmera mirrorless de lente única da qual dispunha na época, as fotos se aproveitam do alto e maleável alcance de zoom da câmera, que permitiu que fossem tiradas por detrás de outras pessoas e a uma considerável distância dos motivos principais. Ao mesmo tempo em que isso refletia, a princípio, a minha timidez diante desse ambiente novo, em 2024, após os estudos teórico-prático-metodológicos nas disciplinas CJE0583 - Projetos em Fotografia Documental e CJE0649 - Laboratório de Fotojornalismo, passei a adotar conscientemente essa estética como uma forma de fotografia presente, em que a composição da imagem era concebida de modo intencional para transparecer a minha posição de “estranho” na festa. Isso culminou em imagens que convidam deliberadamente o observador a se sentir, como eu, um membro novo e curioso da Folia.

A minha presença também se reflete (o que só fui racionalizar completamente no momento da escolha das fotografias) na postura dos retratados, que alterna entre o conforto do ambiente e a reação hostil à mim e à câmera, ambos intrusos naquele espaço. Optei por destacar essa busca por aceitação no título do projeto, que referencia também o início dos cantos dos foliões ao chegarem nos pousos: “Os senhores me dão licença”.

2.2. Seleção das imagens

A seleção das imagens para compor o fotolivro foi, de fato, o primeiro passo do projeto dentro do âmbito desse TCC. Aqui, utilizei dois critérios para orientar a escolha.

Primeiro, busquei imagens que refletiam os ideais discutidos na seção anterior,

priorizando imagens onde essa minha postura de *outsider* e “curioso” transparecia claramente no produto final.

Além disso, priorizei **retratos** de foliões e demais participantes da festa. Haja vista que a maioria das demais produções sobre Folia de Reis enfoca as práticas ritualísticas (Queiroz, 2012, Folia [...], 2023 e Prefeitura de Caconde, 2023) ou as memórias de anciões da manifestação (Barros e Rezende, 2011), a ideia nesse fotolivro era mostrar a festa como um fenômeno social vivo e contemporâneo, buscando retratar os perfis diversos que compõem a Folia sem idealizá-los por detrás de fantasias ou práticas rituais. Assim, ao focar em retratos, o projeto afasta imagens que remetem ao folclore em torno da manifestação em prol de uma documentação jornalística de quem faz a festa hoje.

Essa abordagem, adotada em meus outros projetos sobre a Folia de Reis, busca contribuir para uma narrativa que valorize a atualidade e a pujança contemporâneas do movimento. Assim, o projeto retrata uma festa viva que é parte integrante da realidade cotidiana da região, em detrimento de pintar um fenômeno nostálgico e em extinção, tendência que predomina na documentação do “folclore” (Cavalcanti, 1993).

2.3. Pós-produção

Após a seleção das imagens, todas captadas em formato *.raw*, seguiu-se uma etapa rápida de pós-produção das mesmas. A edição se limitou à correção de cor (valorizando as tonalidades marcantes dos originais), a ajustes de luminosidade e à redefinição de alguns enquadramentos. Tudo foi feito no Adobe Photoshop. Não foram praticadas intervenções maiores, que envolvessem a adição ou supressão de elementos das fotografias. No entanto, ajustes mais detalhados de luz, iluminando recortes específicos das fotos e escurecendo outros, foram empregados.

2.4. Entrevistas e redação

O próximo passo foi encontrar as figuras centrais dos retratos e conduzir entrevistas com cada um, a fim de escrever os perfis que acompanham os personagens chave do livro. Para isso, contei com a ajuda de Bárbara Bruna e Elizabete Oliveira, que são da região e, a partir das fotos, obtiveram os contatos dos retratados.

Alguns dos personagens das fotografias não foram identificados, ao passo em que outros membros importantes da comunidade, que não estavam nas fotografias, demonstraram grande interesse em participar do projeto. Assim, orientei a escolha final dos perfilados pelo objetivo de representar cada um dos grupos demográficos retratados

(jovens, idosos, homens, mulheres, foliões e fiéis) com ao menos uma entrevista.

Por questões logísticas, as entrevistas tiveram de ser conduzidas por Whatsapp, dada a impossibilidade de deslocamento em tempo hábil até Paracatu, onde vivem todos os entrevistados. Para permitir conversas mais fluidas e reveladoras, todas foram conduzidas por áudios ou chamadas. Todas seguiram, com algumas alterações eventuais, um mesmo roteiro, pensado para traçar o perfil do entrevistado dentro e fora da Folia, e para saber mais sobre sua ligação pessoal com a festa. Ele se baseia nas seguintes perguntas:

- De quando e como é sua primeira lembrança da Folia de Reis?
- Quem é você na folia (seu posto na Folia, e como as pessoas te conhecem no grupo)?
- Quem é você fora da folia (com o que você trabalha, o que gosta de fazer, como gosta de passar seu tempo)?
- Época de folia para você quer dizer o que?
- Como você entrou e por que você participa da Folia?

As respostas foram transcritas suprimindo marcas de oralidade ou do dialeto dos entrevistados. Isso porque acredito que mantê-las reforçaria mais estigmas e estereótipos do que indícios da personalidade dos perfilados.

Como as descrições não seriam elementos úteis nas narrativas, já que eu não possuía mais do que as fotografias em si como substrato para redigi-las, optei por construir os perfis unicamente a partir da fala dos entrevistados. Assim, todos são discursos na ordem direta, onde minha intervenção se limita à seleção e hierarquização das histórias que cada um me contou. Com isso, fica a cargo do leitor tecer a relação entre as histórias e os trejeitos do personagem, que a interação entre fotografias e texto é capaz de construir mais livre e plenamente do que minha intermediação jamais poderia.

Por fim, a partir de entrevistas e de pesquisa documental, redigi um texto de apresentação contextualizando o projeto e a manifestação retratada, que surge no livro acompanhado de fotografias da festa em si (todas, porém, captadas de acordo com o ideal de fotógrafo presente discutido na seção 2.1).

Por sugestão do Prof. Renato Levi, incorporei também ao fotolivro um prefácio, com dados relevantes sobre a cidade de Paracatu e sobre o contexto em que decidi produzir o trabalho, importantes para situar os leitores diante da obra.

2.5. Diagramação

O processo de diagramação, conduzido totalmente no Adobe InDesign, seguiu o processo sugerido na disciplina CJE0660 - Jornalismo visual: fotojornalismo e design da notícia, se desdobrando analiticamente em escolhas tipográficas, topográficas, iconográficas e cromáticas.

Aqui, a dimensão iconográfica foi deliberadamente privilegiada. Assim, as escolhas cromáticas foram motivadas para favorecer o descanso antes ou após a carga cromática de dadas fotografias, ou para aprofundar o efeito dessa carga. Ao mesmo tempo, a organização topográfica buscou inserir o texto nos vazios ou lacunas deixados pelas fotografias, ou em espaços sugeridos pelas mesmas ou criados pela necessidade de respiros delas originada.

Tipograficamente, ambas as fontes empregadas se inspiram em elementos da memorabilia dos entrevistados, como os exemplos mostrados abaixo.

Imagen 1 – Memorabilia da zona rural





Fotos: Diogo Leite

3. Considerações finais

Este fotolivro é o retrato mais completo que conheço dos ternos de Folia da Barra e do Nolasco. A meu ver, cumpre o papel de se afastar de uma visão da Folia de Reis como parte de um folclore que abrigaria “nostalgicamente a totalidade integrada da vida com o mundo, rompida no mundo moderno” (Cavalcanti, 1993, p. 2) em prol de um retrato contemporâneo, vivo e não idealizado da manifestação.

Ao mesmo tempo, é um exercício bem sucedido de prática fotográfica que reconhece o fotógrafo como elemento constitutivo da narrativa iconográfica (incorporando na produção e seleção das imagens uma abordagem consciente das reflexões de Kossoy, 2002, p. 25-40).

Por fim, creio ser um trabalho que incorpora a maior parte das reflexões teórico-prático-metodológicas que desenvolvi ao longo do curso de Jornalismo, além de colocar em prática boa parte das técnicas que aprendi, com destaque para as discussões das disciplinas CJE0660 - Jornalismo visual: fotojornalismo e design da notícia; CJE0583 - Projetos em Fotografia Documental; CJE0649 - Laboratório de Fotojornalismo e, no campo da redação dos textos, CJE0601 - Laboratório de Jornalismo – Revista.

Enquanto produto construído em colaboração com os moradores das comunidades da Barra e do Nolasco, o projeto foi bem sucedido em engajá-los e em mobilizá-los em torno de uma construção consciente da imagem midiática de sua festa. Agora pronto, ele será devolvido à comunidade e utilizado como acervo de memória para a Folia e como documentação para projetos culturais e editais de fomento que possam beneficiá-la.

4. Referências bibliográficas

- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Entendendo o folclore e a cultura popular. Rio de Janeiro: Museu de Folclore Édison Carneiro, 2002. Disponível em: <<https://marialauracavalcanti.com.br/2020/01/28/entendendo-o-folclore/>>. Acesso em: 26 de fev. 2025.
- QUEIROZ, Ana Lucia. Folia de Reis: imagens, receitas e ladainhas: Aiuruoca - MG. Fotografias de Márcia Zoet. São Paulo: Lettera, 2012.
- KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- SOUZA, André Luis Santos de; ARAÚJO, André Luiz Ribeiro de. “Folia de Reis” em Minas Gerais como ritual religioso, festa popular e patrimônio imaterial. REVES – Revista Relações Sociais, Viçosa, v. 3, n. 3, p. 212-223, 2020.
- GONÇALVES, Gabriela Marques. Religiosidade popular e Folia de Reis. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG – JATAÍ: HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL, 3., 2011, Jataí. Anais... Jataí: Curso de História – UFG, 2011.
- NEDER, Andiara Barbosa. Folia de Reis em Minas Gerais: entre símbolos católicos e ambiguidades africanas. Ciencias Sociales y Religión, Campinas, v. 15, n. 18, p. 33-55, jan./jun. 2013. Universidade Estadual de Campinas.
- BARROS, Artur César Ferreira de; REZENDE, Carmem Luiza de. Companhias de Reis de Ribeirão Preto: relatos de devoção e fé. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. 74 p. (Coleção Identidades Culturais, n. 5).
- Visite Paracatu. Folia de Reis [...]. Paracatu, 07 de jan. 2017. Facebook: visiteparacatu. Disponível em: <<https://www.facebook.com/visiteparacatu/videos/folia-de-reismomento-de-grande-respeito-%C3%A0-bandeira-s%C3%ADmbolo-sagrado-da-festa-de-s/593056777557332/>>. Acesso em 12 de fev. 2025.
- FOLIA de Santos Reis de Paracatu – MG. Direção de Eurípedes Monteiro e Maria Luisa Gomes Adorno. Paracatu: Plano B, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sljLlo3ny7I>>. Acesso em 12 de fev. 2025.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama do município de Paracatu – MG. 2025. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/paracatu/panorama>>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA/MG). As Folias de Minas. Disponível em: <<https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/patrimonio-cultural-protulado/bens-registrados/details/2/5/bens-registrados-as-folias-de-minas>>. Acesso em 12 de fev. 2025.
- Folia de Reis do Inhaí: Preservando as Raízes de Diamantina. Direção de Valter Lopes e

Dj Estação. Diamantina: HiTech, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZuXNRu2MhiE>>. Acesso em 12 de fev. 2025.

PREFEITURA DE CACONDE. FOLIA DE REIS | Memórias Caconde - Documentário. Youtube. 13 de abr. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q8JpIBi-b-I>>. Acesso em 12 de fev. 2025.

LEITE, Diogo. Os Senhores me dão Licença. In: Expocom, 47, 2024, Balneário Camboriú. Anais eletrônicos [...]. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2024/listaautorexpocom.php#D>>. Acesso em 12 de fev. 2025.

OS SENHORES me dão Licença. Direção de Diogo Leite. Paracatu: produção independente, 2023. Disponível em: <<https://energiadacultura.com.br/portfolio/os-senhores-me-dao-licenca-energia-da-cultura/>>. Acesso em 12 de fev. 2025.

Textos e fotos: Diogo Mendonça Leite

Orientação: Renato Levi Pahim